

O PROCESSO DE ESCRITA LITERÁRIA COM O GÊNERO CRÔNICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Evanice Guedes Aquino¹
Maria Anielle da Silva²
Maria José Bento Soares³
Maria de Fátima de Souza Aquino⁴

INTRODUÇÃO

A escrita é indispensável para o progresso de aprendizagem humana, uma vez que colabora para o crescimento do cidadão na sociedade letrada. Nesse sentido, é necessário formar, além de bons leitores, bons escritores.

Cosson (2014, p.16) afirma que “em uma sociedade letrada como a nossa, as possibilidades de exercício do corpo linguagem pelo uso são inumeráveis. Há, entretanto, uma que ocupa lugar central. Trata-se da escrita”. E como essas possibilidades são várias, exercitar a escrita em diferentes formas de apropriação é inserir-se no processo contínuo de letramento.

Entretanto, no presente resumo expandido, pretende-se delimitar o processo de escrita, por meio do gênero Crônica Literária com os alunos dos anos finais do ensino fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho, localizada na cidade de Araçagi – PB. Esse processo integra uma sequência de atividades do projeto *No Ritmo da Inclusão: entre os versos de Jackson e olhar no cotidiano* desenvolvida pelos alunos bolsistas e Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto Letras Português/1475 da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campus III, Guarabira – PB.

O objetivo do projeto é aperfeiçoar a escrita dos alunos por meio do gênero textual/discursivo da esfera literária. A crônica é um gênero narrativo com uma linguagem de fácil compreensão, que apresenta variados temas e aspectos do cotidiano. Com incentivos à leitura e a produções de crônicas, é possível ampliar a visão do aluno sobre literatura.

¹Mestra pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, professoraevanice@hotmail.com;

²Graduando pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - PB, aniellemaria18@gmail.com;

³Graduando pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - PB, marya.soares19@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba - PB, fatimaaquinouepb@yahoo.com.br.

Dentre os resultados do trabalho, vale destacar que, embora os discentes não possuíssem frequência de leitura, eles passaram a acessar a biblioteca escolar e interessar-se por aprimorar o conhecimento acerca dos textos literários, a partir do gênero crônica. Os alunos descobriram ainda que o gênero retrata fatos do cotidiano transformados em ficção.

Em síntese, o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) contribuiu de forma relevante para a construção de conhecimentos de todos os envolvidos nesse trabalho.

METODOLOGIA

O corpus da análise compõe-se de produções de alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual, do município de Araçagi-PB.

Deste modo, para realização deste trabalho, assumiu-se, como fundamentos teórico-metodológicos, uma abordagem qualitativa, a partir dos resultados da pesquisa-ação (RICHARDSON, 2009). Além disso, tendo em vista os limites do gênero resumo expandido, foi feita apenas a análise de uma crônica produzida. Quanto à abordagem teórica da sequência de atividades realizada no âmbito de sala de aula, tomou-se por base os estudos de Dolz e Schneuwly (2004) e de Rildo Cosson (2014), bem como os estudos de Bakhtin (2000 e 2014).

1- A importância da escrita no Ensino Fundamental

Na sociedade letrada, a escrita ocupa um espaço primordial, visto que se constitui como produto sócio-histórico-cultural. É através dela que os conhecimentos são armazenados e organizados socialmente. Assim, a escrita e a leitura contribuem para uma participação social efetiva.

Nessa concepção, a escola desempenha papel de facilitadora, capaz de formar os alunos para a prática eficiente do ato de ler e escrever. Entretanto, a deficiência no quadro educacional brasileiro, apontada pelas avaliações externas, revelam que as instituições escolares, ainda, não têm conseguido desempenhar a função de garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito de todos. Conforme a BNCC:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, pp.63-64)

Compreender a realidade em que os alunos estão inseridos e conhecer as demais realidades existentes no mundo é apenas uma das muitas contribuições da leitura e escrita, uma vez que os discursos se materializam em forma de textos. Assim, os sujeitos aprendem a língua não apenas com palavras e suas combinações, mas, sobretudo, percebendo seus significados, os quais são construídos no processo de interação verbal, ordenados pelo contexto.

Escrever é uma atividade complexa, por isso não faz sentido estudar a língua desvinculada da vida. Bakhtin (2000), afirma que a língua é um fato social, cuja existência provém da necessidade de comunicação.

Dessa forma, dificuldades como textos desestruturados, incoerentes e desarticulados, o não fazer uso adequadamente das regras que determinam o sistema de escrita é comum nas salas de aula atualmente. A língua é muito mais do que um código, é permeada por sujeitos e está em constante transformação social. E é a prática da linguagem como discurso, como produção social, isenta de neutralidade, que dá vida à língua.

Muitas vezes este tipo de dificuldade com relação aos processos de aprendizagem da escrita é consequência de malsucedidas experiências anteriores. Por isso é importante investir na mudança de postura do aluno, diante de suas dificuldades, fazendo-o incorporar o trabalho da escrita com suas necessidades mais urgentes. (BRASIL, 1999, p. 16)

Diante desse cenário, o professor, como facilitador do processo de escrita, precisa pensar em objetivos claros, possíveis interlocutores, nível de linguagem mais adequada àquele texto, o gênero textual e o suporte mais indicado e ainda fazer escolhas linguísticas que contribuam para a eficiência do escrito.

Assim, a escola é um dos locais que tem como objetivo formar alunos que leiam e produzam os mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade. Muitas vezes, entretanto, os textos são produzidos sem objetivos claros, tendo apenas o professor como leitor, contribuindo para que os alunos não vejam sentido no processo.

2- Escrevendo crônicas literárias na escola

A literatura alimenta o imaginário e possibilita caminhos para exercer a criatividade. A leitura de obras literárias permite um encontro com os mais variados sentimentos humanos e,

por meio dela, aprende-se a refletir, formar uma consciência crítica, a ter coragem de expor e defender pontos de vista. Sendo assim, tal prática promove uma aprendizagem que reúne divertimento e informação, fomentando o exercício da cidadania

No ensino de língua como interação, essa percepção pode ser observada, pois a partir do momento em que o professor proporciona o contato dos alunos com os mais variados gêneros textuais da tipologia narrativa: conto, crônica romance, fábulas, etc. os discentes se sentem envolvidos com a arte da palavra, desconstruindo os conceitos pré-estabelecidos de que ler não traz entretenimento. Entretanto, Cosson (2014), afirma que a simples atividade de leitura não deve ser considerada a atividade escolar de leitura literária. Portanto, a leitura literária escolar deve ir além da leitura de entretenimento. A literatura tem a incumbência de ensinar a refletir sobre o conhecimento, fazendo uso nas práticas sociais.

Sá (1987) afirma que a crônica nasce do circunstancial e, ao lançar mão da escrita, o cronista lança um olhar para os fatos, imprimindo à narrativa um tom poético, crítico, reflexivo ou irônico. Dessa forma, a escrita por meio desse gênero no ambiente escolar parte de situações do cotidiano, funcionando como instrumento concreto de participação social.

Dialógico por natureza, este gênero equilibra o coloquial e o literário. A sua construção parece “desestruturada”, na verdade, ela caracteriza-se por ser solta, leve, íntima, uma conversa ao pé do ouvido. A linguagem coloquial transporta-se de frase jogada ao vento para ser uma elaboração de conversa entre o cronista e o leitor.

Assim, sob orientação do educador, o aluno pode ter acesso ao gênero, escolher o tipo de leitura que desejará desempenhar para adquirir habilidades, como interpretar, analisar, compreender, recriar, redigir, construir e reconstruir de forma coerente e coesa a linguagem textual-discursiva no ambiente social em que convive.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do princípio de que a literatura traz contribuições significativas para o processo da escrita literária, o gênero crônica literária foi desenvolvido contemplando seus aspectos temático, composicional e estilístico. Assim, analisaram-se produções iniciais para melhor intervir no processo de construção da produção final.

Nas produções iniciais analisadas, no que se refere ao conteúdo temático, os alunos conseguiram desenvolver o tema como núcleo das ideias sobre as quais pretendiam organizar a

narrativa. No que se refere ao estilo, os alunos apresentaram elementos discursivos organizados de modo a produzir sentidos e proporcionar a interação, porém produziram construções com uso inadequado da pontuação, com elementos linguísticos fragmentados, de palavras e de frases isoladas, sem sujeitos interlocutores. Quanto aos elementos estruturais da crônica literária os alunos construíram seus textos contemplando os momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho.

Ao comparar as crônicas da escrita inicial com as da escrita final, observou-se um progresso no desenvolvimento relativo aos aspectos discursivos do gênero. Tomou-se como exemplo para análise a crônica intitulada *Seja luz*.

Na descrição do cenário, o autor apresenta elementos que situam o leitor no tempo e no espaço da narrativa: *Problema maior se via lá fora, quando tinha que lidar com os seres de luz. Enquanto vagava pela rua, uma luz caiu do alto de um prédio e sumiu em meio ao vento.* No que diz respeito ao foco narrativo, a crônica está em terceira pessoa: *O tédio reinava naquela madrugada fria, então, saiu sem rumo...* Na construção das personagens, o aluno usa mais de uma personagem e faz a caracterização delas: *Uma sombra exausta e escura se levantou da cama, mais uma vez cansada da vida, pois dormia para se sentir melhor... se olhou no espelho...* Nesta descrição, o autor transporta o leitor da realidade à ficção ou vice-versa. E por último, na linguagem empregada, o autor seleciona palavras, compara, usa figuras de linguagem, conferindo um tom reflexivo e literário ao seu texto.

Finalmente, observa-se uma tentativa de utilizar a linguagem escrita, adequando-a às intenções e situações comunicativas que exigem o domínio de registros formais, o planejamento prévio do discurso, uso de procedimentos de negociação de acordos necessários ou possíveis, nas práticas sociais e usos reais da comunicação verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto até aqui, pode-se afirmar, conforme orientações bakhtinianas, que a produção das ideias, do pensamento, dos enunciados tem sempre um aspecto coletivo, social.

Dessa forma, é possível afirmar que aquilo que o aluno traz para a escrita depende das condições de vida real que o meio social permite que ele tenha. Assim, todo evento de comunicação escolar supõe a compreensão comportamental no mundo das condições de existência em que ocorre.

Nesse cenário, com o projeto desenvolvido, a escola cumpriu seu papel de ensinar, levando em conta o que o aluno trouxe consigo, a sua experiência pessoal, adquirida no seu grupo social. A experiência do saber não representou uma ruptura com o conhecimento de mundo do aluno, mas estabeleceu uma continuidade que levou ao domínio de novos conhecimentos. Tais conhecimentos configuram-se como inacabados, em contínuo processo de construção.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. (Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. 3 ed. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2004.

RICHARDSON, R.J. *Como fazer Pesquisa-Ação?* in: RICHARDSON, R.J. Pesquisa-Ação: princípios e métodos. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003. Mercado das Letras, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2 ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. Edição. São Paulo: Ática, 1987.